

LeYa

DAVID
MALOUF

O
CORACÃO
DOS
HERÓIS



O Coração dos Heróis

David Malouf

Tradução Paulo Polzonoff

LeYa

2011

I

O mar tem muitas vozes. A voz pela qual este homem procura é a da sua mãe. Ele ergue a cabeça, vira o rosto para o vento gelado que sopra pelo golfo e sente o sabor áspero do sal nos lábios. A superfície do mar se avoluma e reluz, um azul prateado lustroso — uma membrana que se estende fina e transparente onde certa vez, durante nove luas, ele esteve pendurado, todo encolhido, num sonho de preexistência que era movimentado e confortável. Ele se agacha agora nas madeiras paralelas da beirada, prende o capote entre as coxas. De cabeça baixa e com os ombros recuados, atento.

O golfo pode ser perigoso às vezes, gritando tão alto na mente de um homem que é como estar imóvel em meio a uma batalha. Mas hoje, à luz do alvorecer, parece um lago grande e tranquilo. Ondinhas deslizam até as suas sandálias e depois recuam, as águas ruidosas, enquanto os seixos lisos se desprendem e saem rolando.

O homem é um guerreiro, mas quando não está no campo de batalha é um fazendeiro; seu elemento é a terra. Certo dia, ele sabe, terá de voltar. Todas as partes que se juntaram milagrosamente no seu nascimento para gerar estas mãos, estes pés, os braços musculosos, vão separar-se e seguir seu próprio caminho novamente. Ele é um filho da Terra. Mas a vida toda passou imerso nesta outra natureza, no elemento da mãe. Que, em todas as suas diversas formas, oceano, lago, riacho, é imutável e insubstancial. Que aceita, num momento de imobilidade, o reflexo de um rosto, as folhas de uma árvore, sem conter nada, e que por si próprio não pode ser contido.

Quando criança, ele dera vários nomes para o mar. Ele os repetia vezes sem fim, num sussurro, como um modo de chamá-la até que as sílabas se iluminassem e se transformassem numa presença. No luar tremeluzente do seu quarto de dormir, ao meio-dia no jardim do pai, entre os bosques de carvalho, no verão, quando os ventos intimidadores da tarde sopravam com toda a força, ele se sentia suspenso e ternamente envolvido, como se a voz baixinha dela lhe sussurrasse algo na pele. Você me ouve, Aquiles? Sou eu, ainda

estou com você. Durante algum tempo posso ficar com você, quando você me chamar.

Ele tinha cinco ou seis anos. Ela era seu maior segredo. Ele flutuava nos longos cachos macios dos seus cabelos.

Mas desde o princípio ela o alertara que nem sempre poderia estar ao seu lado. Ela o havia abandonado. Essa era a pior coisa do seu ser e de toda a relação deles. Certo dia, quando ele pôs os pés na terra firme, soube no mesmo instante que aquilo era algo completamente diferente. Um talento que ele considerava natural em si mesmo, saber lidar com aquela personalidade dupla que lhe permitira, em certo momento, escapar da sua dura infância e se tornar fluido e sem peso, uma enguia sem substância nos braços da mãe, esse talento lhe fora tirado. De agora em diante ela seria nada além de um eco distante e quase inaudível, um murmúrio debaixo da água.

Ele sofrera. Mas em silêncio, sem jamais se permitir a demonstração aos outros do que sentia.

Em algum lugar, nas profundezas do sono, seu espírito fizera a travessia e não retornara, ou fora aprisionado e transformado. Ao se abaixar e escolher um seixo para seu estilingue, a pedra tinha outro peso em sua mão, e a tira de couro tinha uma tensão diferente. Ele era o filho do seu pai e um mortal. Entrara para o mundo violento dos homens, onde os atos de uma pessoa a seguem para onde quer que ela vá, na forma de história. Um mundo de dor, perdas, dependência, arroubos de violência e de alegria; ou de fatalidade e contradições fatais, saltos assustadores no

desconhecido; por fim, a morte - a morte de um herói lá sob o brilho do sol e os olhares dos deuses e homens, para a qual um ser forte tinha de ter um corpo também forte, diariamente exercitado e preparado.

Um brilho lhe toca a fronte. Ao longe, onde o golfo se aprofunda, ondinhas se reúnem e se quebram e novas ondas as substituem; e isso, até mesmo enquanto ele observa, repete-se e se repetirá eternamente, esteja ele ali ou não para observar: isso é o que ele vê. No grande panorama do tempo, ele talvez já tenha desaparecido. E para o tempo, e não para o espaço, que ele está olhando. Por nove anos, inverno e verão, eles ficaram presos aqui na praia, toda a multidão, gregos de todos os clãs e reinos, de Argos e Esparta e Beócia, de Eubeia, Creta, Ítaca, Cós e outras ilhas, ou, como ele mesmo e seus homens, seus mirmidões, de Ftia. Dias, anos, estação após estação; uma rotina interminável de manter as armas em bom estado e seu corpo preparado como uma corda de arco, por meio de longos períodos de ociosidade, de impaciência, de espera paciente, e brigas constrangedoras e alardes e conversas nada masculinas.

Uma vida assim é a morte para o espírito guerreiro. Que, se deve suportar os mais difíceis desafios, precisa de ação - o confronto das armas que acabam rapidamente com os brilhos e depois devolvem os homens, de espírito renovado, para que sejam bons fazendeiros de novo.

A guerra deveria ser praticada rápida e decisivamente. No máximo em trinta dias, nas semanas entre a germinação da primavera e a colheita, quando o grão está sequíssimo e pronto para a lâmina de quem o colhe, depois de volta para o ritmo pacato da vida camponesa. Para marcar os dias e o que acontece; para semear e arar e colher o grão. Para pisar com as sandálias gastas nos campos marcados pelo sol, todo seco e com o cheiro amendoado do vento sob os pés. Para se sentar numa sombra dividindo as poucas novidades e ouvir, enquanto as moscas zumbem e o suor jorra das axilas, as intermináveis disputas - a administração da justiça no campo. Para colher olivas e observar, durante meses, o inchaço da égua preta ou o nascimento do primeiro varão negro entre os brancos. Para notar quanto cresceu o filho desde a marca do último ano na ombreira da porta.

Nestes nove anos, seu próprio filho, Neoptólemo, lá longe na casa do avô, cresceu sem a presença do pai. Dias, semanas, estações após estações.

O sol está subindo. Ele fica na ponta dos pés. Levanta-se uma última vez, envolto em suas reflexões; a mente, mesmo num estado passivo, é a parte mais ativa dele. Depois, de cabeça baixa, o manto cobrindo-o todo, ele começa a voltar pela praia íngreme rumo ao acampamento.

Ouve-se uma cantoria no ar, tão fina que devem ser os espíritos. É o barulho dos cordames dos navios que balançam no ancoradouro, recém-chegados ou formando uma confusão de mastros

ao longo do cais. Há mais de mil embarcações. Os mastros contra o céu branco são como uma floresta mágica. Depois de tantos meses ancorados, os cascos estão brancos como ossos. Eles se enfileiram de costas para o acampamento, criando uma muralha que os protege do lado do mar.

Ele corre agora, está frio fora do sol. Caminhando desengonçadamente na encosta da praia, ele parece um bêbado. As sandálias deslizam nas pedras, algumas são grandes e lisas como ovos de pata. Entre elas, algas douradas ainda úmidas da maré.

Ao deixar para trás o último navio da fileira, ele para e olha demoradamente na direção do golfo. O mar, em chamas, estende-se até o horizonte. Aparentemente tão sólido e sem profundidade, tão sedutor como um lugar para onde se ir que um homem talvez se sinta tentado a virar bruscamente e tentar caminhar sobre as águas, e só quando o mar se abrir e o engolir, o homem descobrirá que foi enganado por uma ilusão da natureza.

Mas o mar não é onde isso tudo terminará. Tudo acabará aqui, na praia de pedregulhos traiçoeiros, ou mais ao longe, na planície. Isso é certo e inevitável. Com a resignação pura do velho que jamais será, ele aceitou isso.

Mas, em outra parte de si mesmo, o jovem que ele ainda é resiste, e é a ira contida dessa resistência que o leva a caminhar até o litoral todas as manhãs. Não exatamente sozinho. Com seus fantasmas.

Pátroclo, seu melhor amigo e companheiro de infância.

Heitor, inimigo implacável.

Pátroclo simplesmente aparecera numa tarde na corte do seu pai, um menino três anos mais velho do que ele e quase uma cabeça mais alto. Queixo fino, intenso, mãos e pés já desproporcionalmente grandes, membros do homem que ele se tornaria.

Aquiles estava caçando numa das ravinas além dos limites do palácio. Ele matara uma lebre. Gritos de triunfo o precediam, ele subira empolgado as escadas até o pátio interno para mostrar ao pai o que havia caçado.

Dez anos. Cabelos longos, magro, musculoso, queimado pelo sol de Ftia. Semi-indomado. Sua alma ainda não havia se estabelecido nele.

Peleu ficou furioso com a intrusão. Virou-se para repreender o menino, mas se conteve ao ver o que era aquela algazarra. Fez um gesto para Aquiles parar. Depois, exibindo as palmas das mãos num gesto de desamparo - você entende isso, eu também sou um pai extremoso —, pediu desculpas ao convidado, Monoécio, rei de Opus, pela indelicadeza inesperada.

Aquiles, ofegante devido à corrida pelos campos, recompôs-se para ser paciente. Lentamente, a princípio, sem ter a menor ideia do que tudo isso um dia significaria para ele, presumindo ainda que as atenções estivessem voltadas para a trilha de sangue derramado pela lebre que segurava com uma das mãos, apoiava-se num pé e no outro à espera de que os negócios com os visitantes

estivessem concluídos para receber a atenção do pai.

A história que Monoécio tinha para contar era apavorante.

O menino com mãos e pés enormes era seu filho, Pátroclo. Dez dias antes, numa disputa em jogo de meninos, ele golpeará e matará um de seus companheiros, menino de apenas dez anos, filho de Anfidamas, alto oficial da corte real. Monoécio estava trazendo o menino para Ftia como um pária a pedir asilo.

Numa voz surda, de quem se perguntava como era possível que tantas vidas se perdessem ou fossem corrompidas devido a um instante, o homem triste lhes contou daquela manhã fatal.

Os dois jogadores, ferozmente envolvidos na rivalidade da partida, encolhidos na sombra de uma coluna e rindo. Zombando um do outro como os meninos fazem. Os olhos fixos acompanhando os punhos um do outro à medida que se levantavam, sem mais nada no que prestarem atenção.

Por muito tempo eles mantiveram os açoites no alto, no auge da luta; como se, na narrativa grave do pai, eles aqui estivessem permitindo que se abrisse uma lacuna na qual um ente maior pudesse intervir e, com a indiferença soberana dos que têm poder infinito sobre o mundo das coincidências e acasos, impedir o que estava prestes a ocorrer. O silêncio confundiu um pouco. Até mesmo as cigarras interromperam seu cantar agudo.

O menino cujo destino é mantido suspenso aqui está com os lábios abertos, mas não parece sequer respirar; perdido, como todos, numa história que talvez ele esteja ouvindo pela primeira vez e que ainda não foi concluída.

Aquiles também permanece enfeitiçado. Como um sonâmbulo que deparou com o sonho de outra pessoa, ele percebe o que está prestes a acontecer, mas não é capaz nem de se mexer nem de gritar para evitar. Seu braço direito pesa tanto (ele havia se esquecido da lebre), que talvez jamais consiga levantá-lo novamente. O golpe está prestes a ser dado.

Pátroclo empina o nariz, as sobrancelhas finas arqueadas em expectativa, um pouco de suor refletindo a luz nos lábios, e pela primeira vez Aquiles o olha nos olhos. Pátroclo olha para ele. O golpe faz estalar os ossos. E o menino, com os olhos claros ainda fixos nos de Aquiles, aceita. Com um ligeiro menear de ombros, estufando quase imperceptivelmente o ar.

Aquiles está assombrado, como se o golpe tivesse sido desferido nele mesmo. Vira-se rapidamente para o pai, de cujas palavras ainda depende tanto.

Mas não é preciso acrescentar sua própria desimportância ao pedido de súplica. Peleu também está comovido diante do espetáculo daquele menino com a marca de um pária sobre si, o selo de um assassino que permanece na espera, numa espécie de terra de ninguém, para ser readmitido na presença dos homens.

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

